

As dores de múltiplas causas



Programa de Formação Complementar de Odontologia atende aproximadamente 120 pessoas com dores orofaciais (bucal), é o único da região reconhecido pela Sociedade Brasileira da área e, embora tenha quase quintuplicado o número de alunos participantes, registra uma fila de mais de 300 novos pacientes.

Pág. 8



Tradição e renovação no palco

Professora propicia diálogos entre a tradição e a contemporaneidade e desafia os alunos de Artes Cênicas a produzir experimentações na arte de encenar, a partir do “sistema” concebido pelo diretor e teatrólogo russo Constantin Stanislavski, e com participação de egressos do próprio curso.

Pág. 3

Atemporais e imprescindíveis

Parceria entre Sistemas de Bibliotecas da UEL e docentes do curso de Direito visa identificar e preservar obras jurídicas clássicas do acervo

JOSÉ DE ARIMATHÉIA

O escritor italiano Ítalo Calvino (1923-1985), em seu livro “Por que ler os clássicos”, afirmou: “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”. Da literatura universal ou acadêmica, há obras que transcendem o tempo, jamais envelhecem e são indispensáveis para uma formação técnica, profissional e humanística.

É por isso que foi criado o projeto de ensino “Ex libris – preservação de livros clássicos de Direito”, em execução há dois anos e coordenado pela professora Ana Cláudia Duarte Pinheiro, com participação dos professores Diego Prezzi Santos e René Chiquetti Rodrigues, todos do Departamento de Direito Público. O professor Diego conta que o projeto nasceu de uma iniciativa do Sistema de Bibliotecas da UEL, que constantemente avalia o acervo pensando na atualização, renovação, preservação e, quando é o caso, descarte de títulos. “A Biblioteca procurou os Departamentos, expôs as demandas, e professores apresentaram o projeto”, relata.

O professor René Rodrigues, assíduo frequentador de bibliotecas, conta que descobriu raridades no Sistema UEL, em parte durante sua pesquisa de Mestrado, concluída em 2017, na Universidade Federal do Paraná. Várias delas, ele deduz, doações de docentes antigos. Aí começaram as ideias, como criar uma prateleira de raridades, na Biblioteca Central ou no Departamento; ou criar uma “força tarefa”, que acabou gerando o projeto.



“A Biblioteca procurou os Departamentos, expôs as demandas, e professores apresentaram o projeto”, relata o professor Diego

O Sistema de Bibliotecas da UEL enviou então aos docentes uma lista de 2.074 itens para serem triados e discutida sua destinação. E estes são apenas os livros guardados no Centro Administrativo Reynaldo Ramon, que fica fora do Campus, sob responsabilidade do SAUEL (Sistema de Arquivos da UEL). No Escritório de Aplicação de Assuntos Jurídicos, no centro de Londrina, existem 3.971 títulos (4.209 exemplares), sem contar os quase 2 mil fascículos de periódicos. Começa a faltar espaço.

Entre as primeiras ações do projeto, foram feitas visitas ao acervo do Centro Administrativo, EAAJ e sistemas de bibliotecas9ik. Todos os livros de Direito nestes locais se encontram em bom estado e estão disponíveis à comunidade, destaca o professor Diego. De fato, ele salienta que o acervo da UEL possui obras que, combinadas, não existem em nenhuma outra biblioteca. O trabalho dos professores, desde então, é analisar livro por livro e decidir se ficam todos ou um só volume do título, se serão doados ou descartados. O projeto ainda deve levar um ano nesta triagem e está sendo executado com muito zelo, afirma Diego.

Até agora, segundo a professora Ana Cláudia, nenhum foi indicado para descarte. Ela afirma que é daquelas pessoas que gostam de passar o livro adiante, para que sirva a novos leitores, exceto aqueles mais especiais. Por outro lado, ela fala da obsolescência de muitas obras jurídicas, como os Códigos e Manuais. Ainda assim, pelo menos 1 volume deve ser preservado, até porque pode ser útil em uma pesquisa histórica, tanto para o Direito quanto para a Linguística, Ciências Sociais e a própria História.

A coordenadora do projeto lembra que “clássico” não precisa ser antigo. Mas é fundamental para a formação intelectual de qualquer um, não necessariamente apenas em seu próprio campo profissional. Ítalo Calvino também disse que “os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram”. No caso do acervo de livros jurídicos da UEL, alguns exemplos: Clóvis Bevilacqua (1859-1944), jurista, legislador, filósofo, literato e historiador brasileiro, um dos responsáveis pela elaboração do Código Civil de 1916. Também cofundador da Academia Brasileira de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico; (Francisco Cavalcanti) Pontes de Miranda (1892-1979), advogado, jurista, filósofo, matemático, sociólogo, magistrado, diplomata e escritor brasileiro. Publicou obras em cinco idiomas além do português e foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras. E ainda o jurista francês René David (1906-



“Nenhum livro foi indicado para descarte”, aponta a professora Ana Cláudia, coordenadora do projeto

1990), que lecionou nas Universidade de Cambridge e Paris, entre outras, e também foi combatente na Segunda Guerra Mundial.

REPOSITÓRIO

A professora Ana Cláudia fala ainda da ideia de criar um repositório para acomodar todo o acervo possível, começando pelos Trabalhos de Conclusão de Curso, como ocorre em muitas outras instituições. Com trabalhos mais recentes é mais fácil: já nascem digitais. Já a digitalização de obras mais antigas demora mais e esbarram na falta de pessoal. De qualquer modo, diz ela, o objetivo é manter o acervo.

Os professores do projeto buscam mais parceiros. Em setembro, reuniram-se com o professor Clodomiro Bannwart, coordenador do Mestrado em Direito Negocial da UEL, para propor a participação dos alunos do Programa. Além disso, o projeto abrirá vagas para estudantes de graduação.



Professor Clodomiro Bannwart: “Há obras que nunca perdem a atualidade”

Expediente



Reitora: **Marta Regina Gimenez Favaro**
Vice-Reitor: **Airton Petris**



UEL - Campus Universitário - C.P. 6001
CEP 86051-990 - Londrina, PR
Contato: (43)3371-4361 e (43)3371-4115
noticia@uel.br

Coordenação: **Beatriz Silvério Botelho**

Edição: **José de Arimathéia**

Redação: **Pedro Livoratti, Vitor Struck**

Diagramação/Editoração: **Moacir Ferri**

“A ideia é se desafiar!”

Professora promove diálogos entre a tradição e a atualidade para criar e experimentar poéticas e espetáculos cênicos

JOSÉ DE ARIMATHÉIA

Docente da UEL há mais de 20 anos, a professora Adriane Maciel Gomes (Departamento de Música e Teatro) ministra a disciplina de Direção, na segunda metade do curso de Artes Cênicas. Com os alunos, ela estuda encenadores conhecidos, não como uma metodologia fechada, mas em diálogo com a atualidade. Esta abordagem vem de longe, desde seu Mestrado em Literatura e Cultura Russa (USP, 2009), quando se aprofundou no estudo do ator, diretor e teatrólogo russo Constantin Stanislavski (1863-1938) que, ao final de sua carreira, após muitas experimentações, desenvolveu o chamado “sistema de análise ativa”.

No Doutorado (concluído em 2017 na Unicamp), ela prosseguiu na pesquisa sobre apropriação e ressignificação de elementos da tradição teatral na formação do encenador, inclusive com bolsa-sanduíche (Capes) na Universidade de Milão. Sua formação inclui ainda um curso com a professora Nair D’Agostini, também doutora em Literatura Russa, primeira brasileira formada na Rússia a partir do Método de Análise Ativa, de Stanislavski, e autora de livros sobre ele.

O pensamento de Stanislavski é a base do projeto de ensino coordenado por Adriane, intitulado “Tradição e renovação na encenação”, vinculado à disciplina. Ela aponta, aliás, um diferencial: trata-se de uma matéria que conta com a participação frequente de ex-alunos, já formados, que vêm pedir orientação para algum trabalho ou apenas participar com os colegas graduandos. Vários participaram de projetos anteriores.

Ao se referir à “tradição”, Adriane explica que se trata das bases de um fazer teatral, daquilo que já se sabe sobre isso, e como tudo ecoa na atualidade, promovendo uma renovação. Há muitos momentos, como o teatro grego o shakespeariano, ou a *commedia dell’arte*, muito popular na Europa renascentista

e que se opunha à comédia erudita, com improvisos. Enfim, uma tradição que dialogue com a atualidade e sua própria realidade e contexto. Neste aspecto, conta a professora, a própria turma se dirige. Nas aulas, os alunos experimentam. “É um exercício de se ver de fora”, comenta.

MODOS DE FAZER

E onde entra Stanislavski? De acordo com Adriane, o diretor russo teve uma vida dedicada à renovação teatral, fez suas próprias experimentações ao longo da carreira e idealizou um sistema aberto que permite inúmeros modos de fazer teatro, mas com uma tônica: a ação. É um teatro não centrado no texto, não é ele o objeto da análise, mas o que parte da encenação. Neste ponto, contam muito as referências culturais dos encenadores que, dentro de um contexto, podem fazer uma mesma cena, mesmo a mais comum (como levantar da cama e se preparar para sair de casa), de muitas maneiras diferentes. E deve ser assim mesmo.

A professora Adriane dá um exemplo: uma turma produziu uma encenação a partir de tirinhas em quadrinhos de Laerte. Extrapolando o conteúdo (o texto), os alunos criaram diferentes possibilidades de encenação. “O texto é parceiro, mas não é intocável. Ele não dita as regras”, explica. O sistema de Stanislavski estimula processos criativos e impede qualquer tipo de “fechamento” de interpretação. Assim, a mesma tirinha (ou qualquer texto) pode ser encenada de forma cômica, trágica, ou outra. Igualmente, são possíveis as experimentações na direção. “O ‘sistema’ traz um frescor à encenação, há um despir-se que permite improvisar. Claro que não é um ‘espontaneísmo’, mas um diálogo com o que veio antes [a tradição]”, conta a professora, entusiasmada. Para isso, existe um ingrediente-chave: o ensaio. “Muito ensaio. Às vezes a gente aprende pelo erro. Pode não haver uma resposta final”, acrescenta.

MISE EN SCÈNE

De fato, conta a professora, antes do século XX não havia diretores. Nesta história, ela destaca a figura do ator, autor e diretor André Antoine (1858-1943), considerado o inventor da moderna *mise en scène* na França, e que criou seu próprio teatro para



“É muita pesquisa, muita abnegação e também renúncia. Mas fazemos para que as pessoas busquem o teatro”, afirma a professora Adriane

levar adiante sua visão. A efervescência nas Artes, com as muitas vanguardas das primeiras décadas do século passado também atingiu o teatro, que propôs inovações. Até a criação da luz elétrica causou impacto pois, ao aprimorar a iluminação, abriu caminho para novos figurinos, jogos de luz e sombra (ilusões) e trilhas musicais.

Hoje, o que se tem, de acordo com a professora, é um teatro pesquisado. Durante o período soviético, havia muitas restrições, censuras e até cortes e destruição de partes de obras. Depois, começou um processo de restauração e valorização do legado. “Mas há muito o que aprender ainda, como por exemplo montar uma obra sem datá-la”, exemplifica Adriane. Na UEL, continua a exploração de possibilidades de criação. À frente, “Woyzech”, uma peça do alemão Georg Büchner, que faleceu em 1837 aos 23 anos de idade. A peça é inacabada, mas considerada a obra-prima do autor.

Adriane lembra que o teatro é lazer e entretenimento para o público, mas para os atores, diretores e outros envolvidos é profissão, é ofício. E mais: é normalmente desenvolvido nos “contraturnos” (à noite, após um dia de trabalho). “É muita pesquisa, muita abnegação e também renúncia. A ideia é se desafiar. Mas fazemos para que as pessoas busquem o teatro”, completa.

PARTICIPAÇÃO

No momento, participam três docentes do curso de Artes Cênicas, estudantes de graduação (alguns bolsistas) e os egressos, que vêm dos estados do Paraná e São Paulo. Dois atualmente são mestrandos, e dois são professores de Artes Cênicas. O projeto já rendeu Trabalhos de Conclusão de Curso e apresentações em eventos acadêmicos.



“Existe um ingrediente-chave: o ensaio. Muito ensaio. Às vezes a gente aprende pelo erro. Pode não haver uma resposta final”, explica a coordenadora do projeto

O jogo da democracia

Projeto de pesquisa cria jogo de RPG para ensinar Ciência Política a estudantes do Ensino Médio e Superior

JOSÉ DE ARIMATHÉIA

Quando concebido, era para ser um projeto de pesquisa com o objetivo de realizar estudos, análises e reflexões sobre o ensino de Ciência Política, através de leituras e discussões de textos, pensadores e conteúdos da área, pensando na prática de sala de aula. Mas o projeto “O ensino de Ciência Política: temas, conceitos, autores e teorias”, coordenado pela professora Renata Schlumberger Schevisbiski (Departamento de Ciências Sociais), acabou propondo uma metodologia ativa e lúdica para aprofundar o assunto: um jogo de RPG (Role Playing Game) ou, em bom português, Jogo de interpretação de papéis.

O projeto teve início em 2018 e representa a junção da trajetória acadêmica e de pesquisadora da professora Renata, desde 2011 efetivada na UEL, e que une Ciência Política (CP) e Educação. Uma de suas preocupações sempre foi estudar questões didáticas e desenvolver metodologias de ensino de CP. “A UEL é referência em ensino das Ciências Sociais, das quais faz parte a Ciência Política”, afirma. Ela explica que esta se desenvolve como num eixo ao longo do curso de graduação, aborda temas como Políticas Públicas, Política Brasileira, CP Clássicas e Contemporâneas, mas ainda falta um olhar didático pensando no espaço escolar como lugar de engajamento.

Em 2018, Renata era vice-diretora regional sul da Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP), quando já vinha amadurecendo a proposta do projeto e ministrou um curso pela entidade. Foi o gatilho. O ano de 2019 foi de mobilização de alunos para participar,



Para a professora Renata, o jogo contribui para a formação de cientistas políticos, que vem ganhando mais espaço para atuação na esfera pública

mas a pandemia, em 2020, atrapalhou. Ainda assim, o projeto continuou, remotamente, mas com apenas dois alunos, um dos quais bolsista. Temas como a crise das democracias foram estudados e debatidos.

Em 2022 e 2023, com o retorno às atividades presenciais, o projeto foi contemplado com mais duas bolsas FAEP, e aí surgiu a ideia de criar um jogo para trabalhar esta crise tão falada. O interesse dos alunos foi imediato. Renata procurou então uma parceria com o professor Ernesto Ferreyra Ramírez, do Departamento de Engenharia Elétrica da UEL, para desenvolver o jogo.

Em mente, a criação de um jogo de tabuleiro (tátil) em que fosse possível abordar a dinâmica dos acontecimentos de uma sociedade, enfrentar dilemas e ambiguidades, tomar decisões

e arcar com suas consequências. “O jogo é atraente. Ele é aberto a diferentes narrativas e personagens e tem flexibilidade para simular muitos cenários e problemas”, conta Renata. O jogo permite discutir consequências do autoritarismo, ausência de direitos, distorção do regime, desigualdades sociais, segregação social, problemas urbanos, e muito mais. Quando uma democracia se torna uma ditadura? São questões que sempre aparecem.

No jogo, é possível desde convocar e realizar eleições, como promover um golpe de Estado. Até a pandemia entrou no jogo, como mais um cenário de incerteza. A professora explica que a indeterminação, a incerteza, é traço típico das democracias. Chega a ser frágil, exigindo constante vigilância. Renata conta que os estudantes que já jogaram viveram papéis pró-democracia, pois todos querem defender os valores democráticos, notadamente as liberdades. “É um cuidado pedagógico, mas alguns mudam de perspectiva às vezes”, aponta Renata. Mas é um jogo, e como tal imita a vida: decisões envolvem interesses, conflitos entre grupos e bens sociais, ações políticas, intervenção do Estado, opinião pública, fake news, denúncia de fraude eleitoral, entre tantos outros fatores. “Os estudantes se identificam”, comenta a professora.

A literatura da área fornece fundamentação, mas há mais: dramaticidade e sensibilização, por exemplo. Tantas possibilidades propiciam uma análise comparativa, ou seja, geram estudos de casos comparáveis às experiências de países reais. No fundo, lembra a professora, trata-se de debater o que é democracia, sua ascensão, aprofundamento, formatos e riscos. Afinal,

pondera ela, nada é garantido. O totalitarismo espreita o tempo todo e ganha espaço justamente por causa da ambiguidade da democracia.

Para alicerçar tudo, entram autores como o filósofo e historiador francês Claude Lefort (1924-2010), que desenvolveu uma lógica democrática, e o sociólogo britânico Thomas Humphrey Marshall (1893-1981), que escreveu sobre cidadania. E ainda: o sociólogo norte americano Larry Diamond, que fala de regimes híbridos (será que existe democracia pura? Ou: será que existe democracia mesmo?) e o cientista político também norte americano Robert Dahl (1915-2014). Sem falar nos clássicos, como Jean-Jacques Rousseau, Thomas Hobbes, John Locke, etc.

LIVRO DO MESTRE

Embora tenha nascido como projeto de pesquisa, ele já extrapolou esta condição. A coordenadora conta que dois professores da rede de ensino já se interessaram pelo jogo, na Escola Municipal Machado de Assis e no IEEL (Instituto de Educação Estadual de Londrina).

O projeto fornece o Livro do Professor (ou, no jargão do jogo, “Livro do Mestre”), que apresenta e delinea os cenários, problemas, assim como textos de apoio e atividades. ‘A Ciência Política dá as ferramentas’, acrescenta a professora Renata. Assim, cada aluno jogador fica com um tema, como fake news – que já rendeu até uma oficina baseada em exemplos reais. Já os “Livros dos Estudantes” trazem orientações e possíveis decisões a serem tomadas.

Na avaliação da coordenadora do projeto, o jogo contribui para a formação de cientistas políticos, que vem ganhando mais espaço para atuação na esfera pública. A visão científica, segundo ela, é boa para a sociedade e para a democracia, favorece o aprimoramento da cultura política. E a escola, para a professora, é o espaço ideal para o protagonismo, mas ainda não aproveitado adequadamente.

O jogo foi levado para a reunião da SBPC em Curitiba este ano e fez grande sucesso, especialmente entre os estudantes.

Atualmente, o projeto conta com 10 estudantes de graduação, os dois professores da rede de ensino, os professores Ernesto (Engenharia Elétrica/Uel) e Rodrigo Maier (Ciências Sociais), e uma aluna de Letras (Literatura) deve passar a integrar o grupo em breve. A coordenadora disse que pode ainda envolver os cursos de Design e Computação da UEL, e até um pesquisador da Universidade Federal do Piauí pode fazer parte do projeto.

A professora já publicou vários artigos sobre o projeto, como no VIII Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na Educação Básica. Foram também diversas apresentações em eventos científicos.



No jogo, é possível desde convocar e realizar eleições, como promover um golpe de Estado

Senhoras e senhores do Júri

Programa de Formação Complementar reúne, em duas frentes de estudo do Tribunal do Júri, cerca de 50 estudantes que protagonizam todas as atividades e são premiados nacionalmente

JOSÉ DE ARIMATHÉIA

O Programa de Formação Complementar em Ciências Criminais, coordenado pelo professor Marcos Daniel Veltrini Ticianelli, chefe dos Departamento de Direito Público, é um daqueles projetos que vão muito além da concepção original. Ele acabou se desdobrando em duas frentes: o GECRIM (Grupo de Estudos em Ciências Criminais) e o NESJURI (Núcleo de Estudos e Simulações do Tribunal do Júri). Porém, o grande diferencial, na avaliação do coordenador, é o protagonismo dos cerca de 50 estudantes de Direito, de todas as séries do curso, envolvidos em todas as atividades acadêmicas, do contato com convidados até o café do intervalo.

O professor Marcos Ticianelli conta que havia um projeto anterior, encerrado antes da pandemia. A suspensão das aulas presenciais demandou uma resposta dos docentes e a necessidade de fomentar as atividades, e assim o PFC começou a ser gerado, entrando em execução ainda em 2020. Ele começou com a realização de um seminário online. Paralelamente, alguns estudantes procuraram o professor visando uma competição nacional de júris simulados, ao mesmo tempo em que o docente também procurava alunos para um projeto. Resultado: a estreada equipe da UEL, formada apenas por alunas, venceu a competição de 2020.

Por iniciativa dos alunos, dentro do projeto, foi criado o GECRIM, voltado para a preparação para as competições. Tudo é feito sob o olhar atento do coordenador do Programa, mas no Grupo os alunos mais experientes ajudam a formar os demais alunos. Logo houve procura e atualmente existem duas equipes de oito alunos (o máximo permitido nas competições).

FASES DO PROCESSO

Conforme explica Vinícius Labres Bueno (5º ano), um dos “alunos coordenadores” do Grupo (expressão do próprio professor Marcos), a competição da qual participaram ocorre em fases, a partir de um caso complexo e que pode ou não apresentar alguns elementos de um caso real. Na primeira fase, os estudantes enviam uma peça escrita, de acusação ou defesa. Dentre estas, são classificadas pouco mais de 30, que vão para a fase de sustentação oral, de 15 minutos, como num processo real. Este ano foi em novembro, em Belo Horizonte.

Já Felipe Saconato Aoki (também 5º ano), outro “aluno coordenador”, destaca que as bancas que avaliam os competidores são formadas por operadores e estudiosos do Direito renomados nacionalmente. Vinícius completa lembrando que, na fase de sustentação oral, competem faculdade contra faculdade, uma na acusação e outra na defesa, seguida de rodadas de questionamentos em matérias de Direito Penal e Processual Penal.

Paralelamente, relata Felipe, existe o NESJURI, estruturado, mas ainda não formalizado como projeto autônomo. Ainda assim, o Núcleo vem promovendo numerosa quantidade de ações, como estabelecimento de cronograma e planejamento de atividades, estudos teóricos, reuniões para discussões, workshops, e também contato, convite e recepção de convidados, para aulas ou palestras online ou presenciais. Nomes importantes do Direito Penal e Processo Penal do país já participaram, incluindo vários



Professor Marcos Ticianelli: “o conhecimento jurídico dos estudantes se amplia, assim como o estudo específico das Ciências Criminais é aprofundado”

ex-alunos do próprio curso. Esta experiência compartilhada pelos egressos é um dos pontos altos, na avaliação de Felipe. Tem mais: em 21 de novembro, os alunos realizaram um júri simulado. Só que o interesse tem sido tão grande que já cogitam fazer um a cada semestre.

A preparação para os júris simulados é tão séria que os participantes do Programa contam até com ajuda especializada de “Oratória Jurídica”, em que é abordada não apenas a maneira de falar no Tribunal, mas postura física e todos os outros elementos para uma boa sustentação. E sim, quem ministra estes conteúdos é um ex-aluno, com titulação de Mestre, graduado em Direito e Artes Cênicas pela UEL.

Para Felipe, o NESJURI é um “projeto sonhado”. Durante a pandemia, o YouTube foi uma ferramenta para assistir a júris. Um canal aí faz parte dos planos dos “alunos coordenadores”. Ele destaca a realização de seminários, produção de material de apoio e a participação dos convidados, como por exemplo o magistrado Orlando Faccini Neto, que julgou o caso da boate Kiss, em Santa Maria (RS), e um delegado que atua em Goiás, abordou os crimes em torno da criptomoedas e é formado pela UEL. As reuniões conjuntas com o GECRIM também foram destacadas. Depois, veio o primeiro júri simulado. Uma plateia interessada lotou o espaço com mais de 200 lugares, e dela saíram os jurados do caso.

Os ingressantes do curso de 2023, de acordo com Felipe, foram recepcionados pelo PFC e, além de conhecer o curso, participaram de um workshop para favorecer a integração. O estudante comemora: 1 em cada 4 dos 240 ingressantes se interessou

pelo Programa, de modo que foi necessário realizar um teste seletivo, mesmo aumentando o número de vagas inicialmente planejado. Daí a ideia do júri simulado semestral.

Outro plano, segundo ele, é a publicação de um livro sobre Tribunal do Júri, no qual um ou dois estudantes publicarão um capítulo junto com um professor. A obra é importante, na opinião de Felipe, na medida em que ajudará a recolocar Londrina no mapa do tema, com a atuação dos operadores daqui. Temas não faltam, observa o professor Marcos.

Enquanto isso, tanto o Grupo quanto o Núcleo possuem seu perfil no Instagram. Respectivamente, @gcrimuel e @nesjuri.

A SENTENÇA

Para Vinícius, a prática proporcionada pela participação no PFC expande a visão da atuação no dia a dia e propicia uma formação humanística, bem além da jurídica. Já para Felipe, a experiência gera confiança, e a gestão de equipe, com alunos formando alunos, produz mais que colegas, mas amigos que continuam se relacionando profissionalmente depois de formados. Tanto é que, segundo ele, já estão sendo “plantadas sementes” (parcerias) com a pós-graduação.

Enfim, para o coordenador do Programa, o conhecimento jurídico dos estudantes se amplia, assim como o estudo específico das Ciências Criminais é aprofundado, uma vez que o GECRIM já planeja expandir para outras áreas. Com o aumento do número de participantes, o futuro do projeto está garantido. Atualmente, o PFC conta com três docentes, e há uma parceria com a Ordem dos Advogados do Brasil/Londrina, que já recebeu estudantes do Grupo.



Os alunos Vinícius Labres Bueno e Felipe Saconato Aoki (5º ano), participam do Programa de Formação Complementar em Ciências Criminais

“O celular é pior que a geladeira”

A pressão constante por produção, a necessidade de estar conectado, a exigência para ter um juízo sobre tudo, e o enaltecimento das múltiplas tarefas simultâneas são alguns dos ingredientes deste “caldo” que leva à frustração e a doenças

JOSÉ DE ARIMATHÉIA

O filósofo Lucius Annaeus Sêneca, nascido em Córdoba (Espanha), disse certa vez: “A necessidade natural tem seu limite próprio, enquanto as necessidades artificiais e derivadas do mero prazer não conhecem limites”. Considerando que viveu no primeiro século depois de Cristo, é perturbador constatar como suas palavras são atuais.

É o que se depreende da reflexão da professora Andréa Luísa Bucchile Faggion, do Departamento de Filosofia da UEL. Além de pesquisadora da Filosofia do Direito, em sua trajetória docente e no desenvolvimento da disciplina de Metodologia de Pesquisa, ela detectou certas dificuldades dos discentes do curso e da pós-graduação, como a falta de foco, de disciplina e de organização, o que tornava mais difícil a execução de uma pesquisa, um Trabalho de Conclusão de Curso, um artigo.

Andréa atribui tais problemas a causas mais profundas e sistematizadas, enraizadas na própria estrutural social contemporânea, tanto que não se restringem ao âmbito acadêmico, mas do trabalho e social de maneira geral. “É um problema da época atual. O trabalho não tem fim, não tem mais horário nem local definido. Você pode e deve trabalhar a qualquer hora e qualquer lugar”, exemplifica.

Antes, ela explica, o trabalho seguia um ritmo natural, com um tempo para cada coisa. Na maioria dos casos, as atividades laborais se encerravam ao fim do dia. Porém, a invenção da lâmpada elétrica, por exemplo, possibilitou a criação do turno da noite, seja para as fábricas, comércio, ou escolas. Ou seja, mais oportunidades de produzir, produzir e produzir. O problema, salienta a professora, é que os recursos são finitos, sejam os naturais, ou a capacidade

humana, e não conseguem acompanhar tanta demanda. Além disso, tudo perpetua um modelo de relações subalternas e sobrecarga.

Enfim, trabalhar muito se tornou um estilo de vida. Pior: o estilo contaminou outras dimensões da vida social. Assim, as pessoas trabalham até a exaustão; têm mais de um emprego; trabalham, estudam e educam filhos. Tudo para manter um certo status, aqui definido por aquela frase de autoria incerta: “Status é comprar coisas que você não quer com o dinheiro que você não tem a fim de mostrar para gente que você não gosta uma pessoa que você não é”.

REDES SOCIAIS

Sob este aspecto, as redes sociais são o reino da aparência. “As pessoas sentem-se na obrigação de reagir a tudo o que veem, têm medo de deixar de ser notado, curtido, comentado. O curioso é que a pessoa pode ter centenas de ‘amigos’ mas a grande maioria nem vai notar se ela deixar de aparecer”, comenta Andréa.

Para a professora, a rede social é uma “tecnologia de cassino” – um lugar que não tem relógio nem paredes, para que a pessoa perca a noção do tempo e fique ali.

Numa realidade como esta, como se pode estabelecer prioridades? “Quem tem dez prioridades não tem nenhuma”, sentencia a professora. Para ela, algum plano ou meta sempre será preterido por outro: carreira, viagem, carro novo, família, casa própria, casamento... é impossível “priorizar” tudo, e tentar só levará à exaustão e talvez a uma doença.

A ideia vale para a rotina de trabalho: ninguém realiza várias tarefas “ao mesmo tempo”, diz Andréa. No máximo, alternadamente, com a atenção ora em uma, ora em outra – o que também não é recomendável, embora possa até ser valorizado: “Nossa, Fulano faz três coisas ao mesmo tempo”. Não faz. Nem



“Quem tem dez prioridades não tem nenhuma”, afirma a professora Andréa

deve tentar. Mas existe esta pressão para ser melhor em tudo, diz a professora.

Da mesma forma, estudantes, trabalhadores, e outros, cada vez não conseguem prestar atenção em seu interlocutor. “As pessoas não ouvem. Elas aguardam sua vez de falar”. Não faz muito tempo, o próprio diretor do Banco Central, Roberto Campos Neto, compareceu ao presidente Lula, mais atento, do anterior: “Bolsonaro ficava disperso em três minutos”, disse à imprensa.

Em sua avaliação, o produto do trabalho deve ser ou possuir um valor, sem que o custo seja a exaustão. A burocracia, segundo a professora, é um dos obstáculos, pensando em um sentido amplo: além de relatórios, reuniões longas e frequentes, assim como grupos de trabalho e comissões são cansativos e não raro contraproducentes. “São horas e horas em que o funcionário poderia estar trabalhando no mais importante, mas é retirado para cumprir atividades burocráticas”, pondera.

PRODUTIVISMO

Muitas vezes, destaca Andréa, os gestores (patrões, etc.) contribuem para este cenário, pois adotam um ideal produtivo, ou seja, aderem a uma doutrina que considera que o aumento (quantitativo) da produção é o principal objetivo da evolução das estruturas sociais, políticas e econômicas. A charge desta página ilustra uma história que corre nos corredores das universidades.

O produtivismo acadêmico tem sido objeto de estudo e crítica desde os anos 90. Enquanto alguns o consideram positivo, outros o chamam de “mal necessário”, porque pelo menos garante que os pesquisadores mantenham um ritmo de produção – o que naturalmente não assegura qualidade de produção.

DIZER NÃO

Uma das saídas, segundo a professora Andréa, é dizer “não”, mesmo para coisas importantes. “É triste, é difícil, mas é preciso dizer ‘não’ às vezes”, afirma. Aí sim, com organização e planejamento, é possível produzir com qualidade. Até porque, ela defende, planejar é mais empolgante que executar. Ou, emprestando sentido de um ditado, “o melhor da festa é esperar por ela”.

Outra atitude, bem mais corajosa (uns diriam radical) é reduzir o tempo de telas. Andréa conta que não tem mais perfil em nenhuma rede social e se sente mais feliz assim. “Melhorou minha qualidade de vida”, resume.

De acordo com ela, as redes provocam o sentimento de comparação entre as pessoas (sucesso, viagens, etc.), e isto acaba com a alegria de quem não tem. E sugere: “Fique um mês sem aparecer. Muita gente nem vai reparar na sua ausência”. Isto porque, diz ela, não são relações autênticas. “Redes sociais tiram você do foco. É um vício. Um vício em dopamina, em novidades e curtidas, que rouba a capacidade de atenção e concentração. O celular é pior que a geladeira”, arremata.

NA PRÁTICA

Com seus alunos, sobretudo orientandos, Andréa pratica estas ideias. “Não tem cobrança a toda hora, mas tem cronograma e uma boa conversa no início do estudo”, explica. Para a professora, imprevisto não existe – todo mundo sabe que algum problema irá aparecer, só não se sabe qual e quando, e isso entra na equação do processo de pesquisa.

Além de planejar, ela enfatiza a necessidade de não deixar acumular tarefas nem deixar para a última hora. Afinal, sempre pode surgir aquele conflito entre o mais importante e o mais urgente. Assim, para ela, um bom trabalho de pesquisa não é produto de um gênio, mas de um trabalho metódico. Até agora, ela se diz satisfeita com a qualidade dos trabalhos orientados de Mestrado e Doutorado. Uma boa pesquisa, segundo ela, não é uma “colcha de retalhos” de referências, ou um resumo de vários autores, mas classificar, agrupar, fazer uma taxonomia, saber apresentar o conhecimento com suas próprias palavras.

Andréa também é atualmente a coordenadora dos TCC em Filosofia. Desenvolve projetos de pesquisa em Ética e Filosofia Política e Jurídica. E mantém um canal no YouTube (@AndreaFaggion) com orientações para trabalhos científicos. Tudo bem planejado.

A EVOLUÇÃO DA ACADEMIA



Autor: facebook.com/pedromics
Tradução: facebook.com/psicolosofia

Livro descreve formação e transformação do Museu Histórico

MIRIAN PERES DA CRUZ

A Editora da Universidade Estadual de Londrina (Eduel) lança o livro *Decifra-me ou Te Devoro – Museu Histórico como Teatro da Memória – 2023*, 370 páginas – que tem como autor o professor e historiador, servidor aposentado da UEL Edson Holtz Leme.

A obra, que pertence à linha editorial Arquivo e Memória da Eduel, destrincha a história da criação e formação do Museu Histórico de Londrina a partir de uma perspectiva crítica, que destaca a ausência de grupos que fizeram parte da construção da cidade de Londrina, portanto, negros, indígenas, mulheres e migrantes.

Com entrevistas e ilustrado com mais de 100 imagens, o livro é resultado da tese de Doutorado defendida pelo autor em 2013 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” (UNESP). “Faço uma análise das políticas patrimoniais desenvolvidas em Londrina, da criação da Universidade, e tenho no Museu Histórico o principal cenário a ser analisado. Afinal de contas quais personagens e grupos sociais foram privilegiados e quais esquecidos na expografia desse importante lugar da memória londrinense?”, diz o autor.

O Museu Histórico foi criado na década de 60, inicialmente ocupava os porões do Colégio Hugo Simas, depois foi transferido para a antiga Ferroviária da cidade. Com a revitalização no período de 1997 a 2000, o espaço surge como “museu-narrativa”. Após a reabertura no ano de 2000, como resultado do longo processo de modernização, o Museu

Histórico passou a contar com cenários temáticos ligados à narrativa de criação da cidade.

Segundo Edson, fica evidente que a reforma e modernização das instalações do Museu Histórico trouxeram a perspectiva de memória, mas semelhante à já existente, portanto, sem espaço para grupos e personagens importantes que ajudaram na construção da cidade. “A própria cidade foi formada com a perspectiva de homenagem às elites, composta principalmente por grandes proprietários rurais”, diz o autor.

Foram narrativas impostas ao longo dos anos, predominantemente das famílias da elite pioneira, a partir da exposição de longa duração. “O livro vai ajudar a comunidade a refletir sobre a necessidade de atualização da exposição de longa duração para deixá-la mais democrática. Afinal, os nordestinos continuam excluídos, as mulheres estão em segundo plano e os negros idem”, diz.

O livro possui um rico arcabouço teórico sobre museus, trazendo à tona discussões sobre memória e patrimônio. Para isso, o autor fez uma “viagem no tempo”, da antiguidade até os dias de hoje para descrever os embates que perpassam as relações dos chamados lugares de memória, que envolvem museus, bibliotecas, centros de documentação e monumentos. O objetivo é mostrar como essas relações reverberam no processo de constituição do museu, gerando atritos, consensos e conflitos.

“Popularmente, fala-se que o museu é lugar de guardar coisa velha. Mas não. Você preserva a memória. E de quem é essa memória, quais grupos, quais pessoas são contempladas. Quais grupos são privilegiados em estarem no Museu Histórico de Londrina e quais são excluídos? Uma vez que, uma escolha pressupõe uma exclusão”, conclui Edson.

SOBRE O AUTOR

Historiador e professor, Edson Holtz é servidor aposentado da UEL. Atuou no Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH), de 1987 a 2015. Foi diretor do Sistema de Arquivos da UEL (SAUEL), de 2015 a 2018, além de professor da rede pública de ensino e privada. É autor do livro “Noites Ilícitas” – 1ª e 2ª edições, publicado pela Eduel.

SERVIÇO

Decifra-me ou Te Devoro – Museu Histórico como Teatro da Memória – 2023, 370 páginas – autor: Edson Holtz Leme.

ONDE COMPRAR: site da Eduel (www.eduel.com.br) - ou Livraria localizada no Campus Universitário: livrariaeduel@uel.br ou (43) 3371-4683 (WhatsApp).



PRATELEIRA



Conheça livros da área de Biologia publicados pela Eduel. Acesse - www.eduel.com.br e consulte outros títulos!



Amostragem e monitoramento de fauna e flora na floresta estacional
Autor: José Marcelo Torezan (organizador) 2020, 242 páginas.

Para uso na avaliação ambiental e monitoramento no âmbito da floresta estacional, o livro reúne indicações metodológicas que estão dispersas na literatura. O objetivo é apresentar métodos de coleta e análise de dados de fauna e flora a partir de informações de campo coletadas e analisadas por equipe composta de professores e estudantes, visando o diálogo com as necessidades dos profissionais de consultorias ambientais.

Práticas de Genética, Biologia Molecular, Biotecnologia e Evolução
Autores: Rogério Fernandes de Souza; Mariana A. Bologna Soares de Andrade; Carlos Roberto Maximiano da Silva
2019, 242 páginas.

A temática desta obra atende aos cursos de graduação das áreas das Ciências Biológicas, passando pelas Agrárias e da Saúde, além de disciplinas como Biologia Celular, Genética, Genética de Populações, Biotecnologia e Evolução Biológica. São exemplos de práticas que podem ser adotadas em sala de aula convencional e, até mesmo, junto aos estudantes do Ensino Médio.



Ecologia de riachos de montanha da Mata Atlântica
Sirlei Terezinha Bennemann; João Fernando Marques da Silva 2017, 138 páginas.

Desenvolvido por um longo período por professores e alunos da área de Ciências Biológicas, o estudo sobre a ecologia de riachos de montanha da Mata Atlântica teve o objetivo de avaliar os atributos ambientais e biológicos descritos em dissertações e teses do Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas (Biodiversidade e Conservação em Habitats Fragmentados) da UEL.

Contatos

A comunidade universitária agora pode entrar em contato com a equipe da Livraria da Eduel via WhatsApp.

O número é (43) 3371-4683 para dúvidas e sugestões.

O serviço também pode ser usado para informações sobre lançamentos e promoções.

Sobre a Eduel

Criada em 1995, a Eduel é uma editora universitária que publica livros em seis linhas editoriais: Livros Acadêmicos, Arquivo e Memória, Diálogos Pedagógicos, Infantojuvenil, Expressão Artística e EAD. A Eduel é filiada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU), Associação Brasileira de Direitos Reprográficos (ABDR) e Câmara Brasileira do Livro (CBL).



Que dor é esta?

Programa de Formação Complementar estuda, avalia e trata dores orofaciais isoladas ou combinadas com outras doenças na Clínica Odontológica

JOSÉ DE ARIMATHÉIA

O professor Edwin Fernando Ruiz Contreras (Departamento de Odontologia Restauradora) coordena o Programa de Formação Complementar intitulado “Grupo de estudo e extensão em dor orofacial e suas comorbidades”, em execução desde 2019 na Clínica Odontológica da UEL. O projeto começou a nascer depois do Pós-Doutorado realizado na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) em Araraquara, em 2015, para aplicar sua pesquisa em uma disciplina especial, já que não existe uma específica na grade do curso de Odontologia.

Assim surgiu a disciplina de Oclusão e Dores Orofaciais, oferecida no 3º ano da graduação, que serve de requisito para participar do PFC, no quarto ano. O foco, de acordo com o coordenador, é prestar atendimento à população. Atualmente, são atendidos entre 100 e 120 pacientes, que podem ficar dois ou três meses em tratamento (às vezes menos) dependendo do diagnóstico.

O sucesso do serviço, indicado pelo Pronto Socorro Odontológico da Clínica, criou uma grande demanda. Edwin diz que há mais de 300 pessoas na fila de atendimento. “O projeto precisa expandir”, resume. E tem feito isso: começou com seis alunos, hoje tem 27. Ainda não é suficiente, mas o professor conta que a adesão dos alunos das respectivas turmas tem sido total. E por falar em sucesso, o coordenador informa que é o único projeto do norte do Paraná reconhecido pela Sociedade Brasileira de Dor Orofacial (SBDOF). “O que ajuda a gerar mais demanda”, comenta.

QUAIS DORES?

E de quais dores se ocupa o Programa? Por incomum que possa parecer, não é a dor de dente. As mais recorrentes são as chamadas DTMs, ou Disfunções Temporomandibulares, e as cefaleias (dores de cabeça). As DTMs são dores no maxilar, na mandíbula, na região próxima ao ouvido. Dores sentidas ao mastigar, bocejar, deglutir, ou outras funções corriqueiras. Às vezes a mandíbula estala a cada movimento. E há casos em que apenas tocar as bochechas faz sentir uma dor insuportável.

Dor é sintoma, e suas causas são, segundo Edwin, multifatoriais, principalmente físicas (mecânicas) ou emocionais. Menos comuns, mas possíveis, são as dores resultantes de inflamações na região orofacial ou sistêmicas, isto é, doenças que provocam dores em várias regiões do corpo.

Os tipos de dor também variam. Quando se localizam no tecido muscular, dói como se houvesse ali uma pressão, um esmagamento. Quando é na articulação, a dor é aguda, como se sofresse agulhadas. E há as neuropáticas, quando a dor é acompanhada de sensações desagradáveis, como se estivesse queimando, por exemplo.

O professor explica que, em sua primeira consulta, há uma boa conversa com o paciente, que pode durar até uma hora e meia, para a realização de uma anamnese completa, sobretudo em relação aos hábitos, que influenciam muito. Casos de dores leves (30%) são resolvidos em questão de dias, desde que o paciente faça sua “lição de casa”, aponta Edwin. Segundo ele, 55% do sucesso do tratamento depende do paciente. Os ou-

tros 45% vão depender do dentista, do fisioterapeuta, dos remédios, etc.. Casos cirúrgicos são bem raros: 5%. Há tratamentos com laser ou acupuntura.

Medicar pode ser preciso, mas só depois de uma avaliação completa. De fato, o professor conta que o projeto mais tira do que prescreve medicamentos. Normalmente, o paciente chega à clínica após ter tomado analgésicos e outros remédios, nem sempre prescritos por médico ou dentista. A primeira consulta também serve para orientar e explicar detalhadamente ao paciente seu problema, causa e terapia.

Nesta dimensão educativa, o serviço ajuda na prevenção e esclarece, combatendo informações sem base científica e lançando a luz da ciência sobre o caso. Um exemplo está nos casos de pressão dos dentes (bruxismo). Edwin é categórico: os dentes só têm que se tocar na mastigação. Se não estiver comendo, não devem exercer pressão uns sobre os outros. E se engana quem pensa que é dormindo que isso mais acontece. O professor explica que o apertamento em vigília (quando acordado) é muito pior.

ANSIEDADE E ESTRESSE

As causas: normalmente, ansiedade e estresse. Uma das indicações, neste caso, é que o paciente procure fazer uma atividade de lazer que o relaxe. Não necessariamente um exercício físico, que pode deixá-lo ainda mais ansioso ou estressado. Ouvir música também – tem que ser um estilo que o agrada. Claro que a própria profissão pode não facilitar. Policiais e bombeiros, por exemplo, são frequentes candidatos a dores orofaciais por tensão. A pandemia foi outro fator, aumentando expressivamente o número de casos.

As dores podem estar ainda associadas a doenças crônicas, e não são poucas. As síndromes das pernas inquietas e do intestino irritável são algumas. As “algias” são outros exemplos: fibromialgia, lombalgia, cervicalgia... mas espere! Dor na coluna faz doer a mandíbula? Faz. Edwin explica que tais doenças crônicas enviam o sinal de dor ao córtex cerebral continuamente, que “se confunde”, o que provoca uma condição chamada de “dor referida”, ou seja, uma dor sentida em local diferente de sua origem real. O professor fala de pacientes que chegaram à clínica com queixa de dor na boca, e os exames nada revelaram. Chegaram a extrair um dente, e



“É o único projeto do norte do Paraná reconhecido pela Sociedade Brasileira de Dor Orofacial”, afirma o coordenador, professor Edwin Ruiz Contreras

nada mudou. O problema não era lá.

Em relação à faixa etária, a mais atingida é a economicamente ativa (20 a 60 anos), em razão da pressão do trabalho e do mercado. Infelizmente, informa Edwin, estão aumentando os casos na infância (7 a 10 anos), e a causa já é bem conhecida: as telas. Excesso de tela significa redução na qualidade do sono. O organismo humano tem seus horários de liberação de hormônios e outras substâncias, incluindo as do sono, e se intrometer neste ciclo é prejudicial. Ficar até tarde diante da TV ou principalmente do celular faz dormir menos e pior, e sem sono a criança passa a ficar mais tempo diante da tela, criando um círculo vicioso. Aí vêm o sono diurno, a falta de atenção e concentração e o baixo rendimento escolar. Assim, o professor recomenda: está sem sono? Leia um livro, ouça uma música calma e relaxante – mas nunca uma tela. Vale para adultos também.

AÇÕES

Além do serviço de atendimento à população, o PFC realiza reuniões de trabalho, estudos de casos, discussões de artigos publicados, já foi levado a congressos científicos, e está organizando um banco de dados, que futuramente subsidiará a produção de estudos para publicação. Mas o projeto já rendeu um Trabalho de Conclusão de Curso, ano passado, e atualmente dois orientandos de TCC estão trabalhando justamente com o banco de dados. Os alunos também são estimulados pelo professor e fazem cursos online oferecidos pela SBDOF.

Prospectivamente, Edwin quer aumentar o número de pacientes catalogados pelo Programa. Hoje são cerca de 150, mas a meta é chegar a 500. Outra ideia é desdobrar ou transformar o projeto em extensão, visando a creditação (curricularização da extensão) e a obtenção de bolsas para alunos participantes. E há um objetivo maior ainda: criar uma Residência em Dor Orofacial. Das centenas de faculdades de Odontologia espalhadas pelo país, o professor diz que não há mais de 30 Residências.

